

CRIAÇÃO DA INCUBADORA DE EMPRESAS DE BASE TECNOLÓGICA NA ÁREA DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS MULTISSECTORIAIS EM APUCARANA

PEREIRA, M.¹

¹ Milton Pereira. Docente da FAP - Faculdade de Apucarana, Gerente de Projetos Estratégicos do IDEPPLAN - Instituto de Desenvolvimento, Pesquisa e Planejamento de Apucarana, órgão da Prefeitura do Município de Apucarana.

RESUMO

O trabalho apresenta o contexto e as possibilidades no desenvolvimento empresarial proporcionado pela implantação de uma incubadora tecnológica na área de prestação de serviços multissetoriais na Cidade de Apucarana. Apresenta os primeiros passos dados no sentido de sua formação, desde a elaboração de um pré-projeto, a apresentação pública das ideias iniciais e a constituição de grupo de parceiros, culminando no projeto a ser encaminhado à entidade fomentadora de recursos financeiros para sua implantação. Contempla ainda um pequeno referencial teórico a respeito do processo de incubação, o perfil empreendedor e o contexto de inovação que deve permear a futura incubadora. Tal temática é requerida em razão de que o empreendedorismo e a inovação passaram a ter cada vez mais espaço neste mundo complexo, globalizado, de rápidas mudanças e grande competitividade. Uma incubadora tecnológica visa, entre outros aspectos, contribuir para a criação e manutenção de empresas competitivas no mercado. Após reuniões com os parceiros, culminou o trabalho em um projeto completo que, liderado pelo executivo local, buscará recursos junto a entidades com tradição no fomento desse tipo de empreendimento.

Palavras-chave: Empreendedorismo. Inovação. Incubadoras de empresas de base tecnológica. Competitividade. Valor agregado.

ABSTRACT

The paper presents the background and opportunities in business development offered by the deployment of a technology incubator in the area of providing multi-sectoral services in the city of Ascot. Presents the first steps towards their education, since the drafting of a pre-project, the public presentation of ideas and the initial group of partners, culminating in the project to be forwarded to the entity promotion of financial resources for its implementation. Also includes a small theoretical reference about the process of incubation, the profile entrepreneur and context of innovation that should permeate the future incubator. This theme is required because of that entrepreneurship and innovation have been given space in this increasingly complex world, globalized, the rapid changes and great competitiveness. A technology incubator seeks, among other things, contribute to the creation and maintenance of competitive market. After meetings with partners, the work culminated in a

comprehensive project, which led by the local executive, to fetch money from entities with tradition in fostering this kind of enterprise.

Key-words: Entrepreneurship. Innovation. Technology-based business incubators. Competitiveness. Added value.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de reflexões e sonhos. Desde 2004, professores e alunos da FAP – Faculdade de Apucarana acalentam o sonho de que a Instituição abrigue uma Incubadora Tecnológica, amparo para ideias e fermento de ações empreendedoras da comunidade acadêmica.

Para que isso fosse possível, iniciaram-se naquele ano ações voltadas à divulgação das noções de empreendedorismo e do perfil empreendedor, consistindo inicialmente em ciclos de palestras que se denominou “Ciclo de Palestras Empreendedores do Século XXI”, que se transformou em 2007 no “I Fórum de Empreendedores e a I Maratona de Empreendedores da FAP”.

Na esfera pública, ações empreendedoras em nível de ensino já vêm sendo realizadas. O Ensino em Tempo Integral implantado em 2001 em Apucarana tem na prática da Pedagogia Empreendedora, formatada e implantada no final de 2003 pela equipe do Prof. Fernando Dolabela com o apoio do SEBRAE, um dos seus orgulhos.

O Executivo Municipal vem trabalhando no sentido de se instalar um novo condomínio industrial e uma incubadora tecnológica, buscando para isso recursos do Governo Federal.

Em 2008, por iniciativa da FAP, iniciaram-se as tratativas para a elaboração de um projeto destinado à criação da Incubadora Tecnológica e, em razão de seu grande alcance e a necessidade da participação de parceiros diversos, num somatório de esforços, recursos e competências, elaborou-se um pré-projeto que foi apresentado em uma audiência pública na FAP, no mês de maio de 2008, constituindo-se na ocasião uma comissão para a elaboração do projeto, composta de representantes da Faculdade de Apucarana – FAP, Faculdade Estadual de Ciências Econômicas de Apucarana – FECEA, Universidade Federal Tecnológica do Paraná – UFTPR, Faculdade Centro Norte do Paraná – FACNOPAR, Associação Comercial, Industrial e de Serviços de Apucarana – ACIA, Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico do Município de Apucarana, Serviço Brasileiro de

Apoio a Micro e Pequena Empresa – SEBRAE, Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI, Federação das Indústrias do Paraná – FIEP/PR, Secretaria de Abastecimento do Paraná – SEAB / PR e Evolução Empresa Junior.

Definiu-se o foco da futura incubadora na geração de empreendimentos ligados à prestação de serviços, pois segundo dados do IBGE (2000), Apucarana tem na prestação de serviços 66,13% do PIB Municipal, fato que por si só indica e recomenda a necessidade do fortalecimento do segmento da prestação de serviços.

O projeto inicial procurou responder ao questionamento que permeou o trabalho: Como implantar uma incubadora de empresas?

As reuniões entre os parceiros foram conduzidas a partir de um cronograma de atividades que buscou entre outras coisas a definição das áreas de atuação da incubadora; sua caracterização e recursos necessários; definição do apoio institucional dos parceiros; criação da sistemática de gestão; definição do processo de seleção de empresas candidatas; elaboração de programa de capacitação empresarial; criação do processo de avaliação e acompanhamento de empresas incubadas e graduadas e ainda o desenvolvimento de mecanismos de avaliação e acompanhamento do processo de incubação. O próximo passo será encaminhar o projeto para a Financiadora de Estudos e Projetos – FINEP do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, objetivando a busca de recursos financeiros.

EMPREENDEDORISMO

O fenômeno do empreendedorismo não é assunto recente. Dolabela (1999) dá conta que, inicialmente, quem primeiro estudou o fenômeno foram os economistas, descrevendo e caracterizando sua importância, a exemplo de Richard Cantillon (1680-1734) e Jean-Baptiste Say (1767-1832).

O vocábulo empreendedor tem origem no francês *entrepreneur*, podendo ser traduzido, de acordo com Becker e Lacombe, *apud* Antor Beltrame (2008), como “o que está no meio” ou “entre compradores” e que desde a Idade Média o conceito esteve relacionado à assunção de riscos, principalmente em atividades ligadas ao comércio.

Segundo Dornelas (2001):

Marco Pólo foi quem primeiro definiu o empreendedorismo, sendo o empreendedor aquele que assume os riscos físicos e emocionais de forma ativa, sendo que o capitalista por sua vez de forma passiva assume os riscos. Posteriormente, na Idade Média o empreendedor passa a assumir riscos calculados, gerenciando projetos e buscando auxílio financeiro de fontes governamentais. No século XVII, cria-se o termo empreendedorismo, passando a ser a relação entre empreender e assumir riscos, diferenciando o fornecedor do capital – capitalista – daquele que assume o risco – empreendedor. Com o advento da industrialização no Século XVIII, essa diferenciação entre capitalista e empreendedor se acentua.

Já Dolabela (2003) ressalta que:

O principal atributo de um empreendedor brota como um talento individual, comparável aos artistas criadores, explicado por um “dom divino”, o que contraria os aspectos de formação e trabalho, já citados por Ludwig Van Beethoven, quando dizia que suas criações eram frutos de “1% de inspiração e 99% de transpiração.”

Para Fillion (1999), “uma das grandes diferenças entre o empreendedor e as pessoas que trabalham em organizações é que o empreendedor define o objeto que vai determinar seu próprio futuro.”

INOVAÇÃO

Derivado do termo latino *innovare*, inovar significa tornar algo novo. Pode-se dizer que a inovação faz parte da natureza humana, haja vista o próprio desenvolvimento do homem através dos tempos.

Mas coube ao economista Joseph Schumpeter (1883-1950) o estudo sistemático da inovação, em sua obra Teoria do Desenvolvimento Econômico, publicada originalmente em 1912.

Aceita-se amplamente que a inovação seja central para o crescimento qualitativo dos produtos e serviços, pelas inovações tecnológicas que lhe são agregados, pelo aumento da produtividade advinda de novos processos e ainda pelos resultados obtidos pelo maior valor agregado na sua comercialização.

O fenômeno da globalização, ao aproximar produtos e mercados, expôs de forma dramática o viés tecnológico que se encontra na atualidade. Num passado recente, o ex-presidente Fernando Collor referiu-se aos veículos automotores como “carroças” numa referência clara à defasagem tecnológica entre os modelos nacionais e os concorrentes internacionais. O mesmo ocorre com outros produtos e processos.

Entende-se que o conhecimento é percebido como um fomentador do processo de crescimento da inovação e, por conseguinte, do crescimento de novas empresas no mercado econômico que se torna cada vez mais disputado.

INCUBAÇÃO DE EMPRESAS

A incubação de empresas é vista como um processo de criação de empresas que acrescentem inovações em termos de produtos e serviços e por isso consegue colocar estes produtos e serviços com um maior valor agregado.

No Brasil, a Incubação de Empresas é tida também como um meio de redução da taxa de mortalidade jurídica, pois, conforme dados do SEBRAE (2008), as taxas de mortalidade de micro e pequenas empresas para o primeiro ano de vida estão estimadas em 27%, e, em 1998, esta taxa era de 35%.

Esta tendência de queda no índice de mortalidade também ocorreu nos pequenos negócios com mais de um ano de atividade. No mesmo período, o índice de mortalidade no segundo ano caiu de 46% para 38% e, no terceiro ano, de 56% para 46%. Já no quarto ano de atividade, 63 de cada 100 empresas fechavam as portas em 1998. Em 2007, eram 50 e, no quinto ano de atividade, de 71% para 62% (SEBRAE 2008).

Muitos motivos contribuem para que estes índices mantenham-se altos: a diferença da carga tributária e taxas agregadas, em relação às empresas de comércio e serviços, nos custos do desenvolvimento tecnológico e nas regras do sistema capitalista brasileiro.

Segundo Marco Aurélio Bedê, gerente de pesquisas do SEBRAE, “as principais causas da mortalidade das empresas no Estado estão relacionadas principalmente ao perfil empreendedor e a decisões dos proprietários” (SEBRAE 2008).

Entre as causas enumeradas na pesquisa estão: características empreendedoras insuficientes, falta de planejamento prévio, deficiência na gestão empresarial, insuficiência de políticas de apoio, baixo crescimento da economia e problemas pessoais dos sócios (SEBRAE 2008).

Apesar da evolução, a longevidade dessas empresas ainda está longe dos patamares dos países desenvolvidos. Enquanto na Alemanha, 37% dos negócios não conseguem ultrapassar o quinto ano de atividade, o índice nacional fica em

62%, conforme dados da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico OCDE, *apud* FINEP (2006).

Se estes números aplicam-se a empresas tradicionais, quando se trata de empresas que desenvolvem produtos e processos com inovação tecnológica, a taxa de mortalidade é ainda mais alta, em razão da complexidade tecnológica e mercadologia que envolve a criação e o lançamento de produtos inovadores.

Desse modo, entende-se que a incubação de empresas é um instrumento capaz de induzir e apoiar o desenvolvimento de empresas, por utilizar conhecimentos científicos específicos e o apoio técnico disponível numa rede de parcerias, especialmente entidades de ensino e pesquisa, num apoio à geração e ao crescimento de empresas nascentes.

Conforme o Ministério de Ciência e Tecnologia, através do Fundo Verde Amarelo da Secretaria Técnica do Fundo de Estímulo à Interação Universidade – Empresa:

(...) o universo das micro, pequenas e médias empresas (MPME's) é muito significativo no Brasil. Além de responder por um grande número de empregos gerados e por quase 1/4 do PIB, a presença destas empresas constitui-se em mecanismo importante de distribuição de renda no País. Segundo dados fornecidos pelo SEBRAE, existem 4 milhões de MPME's no Brasil, sendo que deste número, 1,9 milhões são microempresas. Supõe-se que as microempresas contribuem com aproximadamente 50% da força de trabalho dos 4 milhões de MPME's. (MCT, 2003)

INCUBADORAS DE EMPRESAS

O modelo precursor do processo de incubação de empresas surgiu em 1959 no estado de Nova Iorque (EUA), quando uma das fábricas da Massey Ferguson fechou, deixando um significativo número de residentes novaiorquinos desempregados. “Joseph Mancuso, comprador das instalações da fábrica, resolveu sublocar o espaço para pequenas empresas iniciantes, que compartilhavam equipamentos e serviços.” (ANPROTEC).

Nos anos 70, já na conhecida região do Vale do Silício, nos Estados Unidos, as incubadoras apareceram como meio de incentivar universitários recém-graduados a disseminar suas inovações tecnológicas e a criar espírito empreendedor. O mecanismo, então ali criado, traduziu-se em oportunidade para esses jovens iniciarem suas empresas, através de parcerias, junto a uma estrutura física que

oferecia assessoramento gerencial, jurídico, comunicacional, administrativo e tecnológico para amadurecerem seus negócios nascentes. A esta estrutura, deu-se o nome de incubadora de empresas.

No Brasil, as primeiras incubadoras surgiram a partir da década de 80, quando “por iniciativa do então presidente do CNPq, Professor Lynaldo Cavalcanti, cinco fundações tecnológicas foram criadas, em Campina Grande (PB), Manaus (AM), São Carlos (SP), Porto Alegre (RS) e Florianópolis (SC).” (ANPROTEC).

Entre os principais objetivos da criação de incubadoras, cita-se o oferecimento de apoio gerencial e técnico (serviços de recepção e secretaria, salas de reunião, Internet, telefone, etc.) e uma gama de serviços que propiciam excelentes oportunidades de negócios e parcerias, para que o empresário desenvolva seu projeto e/ou empresa.

Distinguem-se três modelos básicos de incubadoras: as de base tecnológica, que recebem empresas de base tecnológica, responsáveis por algum tipo de inovação em produtos, processos, componentes ou acessórios. Existem as chamadas incubadoras tradicionais, que aceitam empresas dos setores tradicionais e as incubadoras mistas que abrigam empresas de base tecnológica e dos setores tradicionais.

No Brasil, estão surgindo as chamadas incubadoras sociais, responsáveis por apoio a programas e projetos sociais e ainda as incubadoras culturais, que apoiam programas culturais como grupos de teatro, de canto e similares.

O público alvo preferencial das incubadoras são os estudantes, os empreendedores em geral, micro e pequenas empresas, que busquem diferencial competitivo, que estão em fase de desenvolvimento de serviços inovadores, criadas a partir de processos de terceirização e outros, a critério do conselho gestor das entidades.

PROCESSO DE INCUBAÇÃO

São três os estágios do Processo de Incubação desenvolvidos em incubadoras tecnológicas.

Pré-incubação: tem como objetivo “alimentar” o processo de incubação com bons projetos. Pré-incubação consiste em “corporificação” de ideias, produtos, processos e serviços que podem ser transformados em negócios. Durante a pré-

incubação, os futuros empresários recebem informações e treinamento visando o desenvolvimento do perfil empreendedor e também de iniciação empresarial.

Um segundo estágio, conhecido como Processo de Incubação de Empresas, o novo negócio, produto, processo ou serviço já está formatado e inicia-se o fortalecimento da empresa nascente, com o oferecimento de suporte técnico, gerencial e formação complementar do empreendedor. Em geral, as incubadoras dispõem de um espaço físico construído ou adaptado para alojar temporariamente micro e pequenas empresas que compartilham custos de Secretaria, telefone, fax internet, recebendo uma série de serviços, tais como cursos de capacitação gerencial, assessorias, consultorias, orientação na elaboração de projetos a instituições de fomento, serviços administrativos, acesso a informações, entre outros.

O terceiro estágio é conhecido com programa de pós-incubação, com as entidades criando um condomínio empresarial, oferecendo uma estrutura predial adequada, onde são compartilhados os serviços básicos de comunicação, estrutura de laboratórios e oficinas, além de sistema integrado de comercialização de produtos, de compra de materiais de expediente e matéria prima e ainda programa de capacitação em gestão de negócios.

CONCLUSÃO

A primeira consideração a ser levada a efeito é a firme disposição dos parceiros na implantação de uma incubadora tecnológica. Isto trouxe, e ficou evidente nas reuniões com os parceiros um sentido de responsabilidade muito grande, principalmente no cuidado de se elaborar um projeto consistente, apoiado num acurado planejamento.

O campo para o plantio de uma incubadora tecnológica já foi preparado, as ações de veiculação do empreendedorismo já estão sendo realizadas pelas Instituições de Ensino há cerca de 5 anos, o que dá um sentido de oportunismo para a iniciativa.

A futura incubadora terá capacidade para até 15 empresas e se for considerada uma taxa de ocupação de 70%, isto resulta numa média aproximada de 10 empresas permanentes instaladas.

A ANPROTEC, Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores, recomenda a utilização do IDISC *Toolkit* como ferramenta de gerenciamento de incubadoras. Informações detalhadas podem ser obtidas no site www.idisctoolkit.net/s/start?language=pt_BR.

Sugere-se que, uma vez que os empreendimentos amparados pela incubadora têm um limite temporal para se desenvolverem e fortalecerem, sejam tratados sob a perspectiva da gestão de projetos.

Comum a todos é a importância de se ter a incubadora tecnológica em razão dos motivos já anteriormente elencados: os ganhos advindos na formação de empreendimentos e de empresários inovadores, a geração de novos produtos e serviços, a geração de empregos, trabalho e renda, fato que por si só recomenda sua implantação.

REFERÊNCIAS

ANPROTEC. Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos Inovadores. Disponível em: <http://www.anprotec.org.br/publicacaoconhecias2.php?idpublicacao=80>. Acesso em: 03 dez. 2008.

BELTRAME, Antor. **Ensinação e aprendizagem em incubadora tecnológica**: um estudo de caso na Incubadora Tecnológica de Caxias do Sul. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Administração. Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul, 2008. Disponível em: http://tede.uces.br/tde_arquivos/5TDE-2008-08-29T0812182Z-213/Publico/Dissertação%20Antor%20Beltrame.pdf. Acesso em: 03 dez. 2008.

DOLABELA, Fernando. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Cultura, 1999.

_____. **Pedagogia empreendedora**. São Paulo: Cultura, 2003.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Empreendedorismo**: transformando idéias em negócios. Rio de Janeiro: Elsevier, 2001.

FILION, Luis Jacques. Empreendedores e proprietários de pequenos negócios. **Revista de Administração- RAUsp**, São Paulo, 1999.

FVA – Fundo Verde Amarelo. Secretaria Técnica do Fundo de Estímulo à Interação Universidade – Empresa. **Apoio direto à inovação**. Brasília: MCT, 2003.

OECD / OCDE. **Manual de Oslo**: proposta de diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação. Disponível em:

http://www.finep.gov.br/dcom/brasil_inovador/arquivos/manual_de_oslo/cap1_07_ob_servacao_final.html. Acesso em: 03 dez. 2008.

SCHUMPETER, Joseph A. **Teoria do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1982.

SEBRAE. **10 anos de monitoramento da sobrevivência e mortalidade de empresas**. São Paulo: SEBRAE, 2008.